

Mídia e Recepção

VENDO O "JORNAL NACIONAL" COM JOVENS UNIVERSITÁRIOS CARIOCAS

Isabel Travancas¹

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise da relação de um grupo de jovens universitários cariocas com a televisão e particularmente com o **Jornal Nacional**. Trata-se de um estudo de recepção deste noticiário televisivo. Para isso selecionei estudantes de quatro cursos: comunicação social, pedagogia, medicina e serviço social de universidades públicas e privadas da cidade do Rio de Janeiro. Saber qual a dimensão da televisão em suas vidas, seus programas prediletos e como dialogavam com o **Jornal Nacional** foram pontos fundamentais para este trabalho.

Introdução

O jornalista e crítico de televisão Eugênio Bucci(2000:8), tem uma ótima frase para definir a importância da televisão no Brasil: "*E talvez não haja mais a possibilidade de pensar o Brasil sem pensar a TV*". Para ele, a própria imagem que o Brasil teria de si mesmo estaria imbricada na televisão. Na verdade, basta-nos olhar os dados estatísticos para comprovarmos ser a televisão o principal veículo de comunicação nacional. De acordo com a revista *Mídias e Dados* (1998) havia no país cerca de 54 milhões de aparelhos de televisão em 37 milhões de lares numa cobertura geográfica que atingia cerca

¹ Isabel Travancas é jornalista, mestre em Antropologia Social pelo MN-UFRJ e doutora em Literatura Comparada pela UERJ. Este artigo é uma versão reduzida de sua pesquisa de Pós Doutorado intitulada "Juventude e Televisão - um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas" realizada no PPGAS do Museu Nacional da UFRJ sob orientação do Prof. Gilberto Velho

de 4974 municípios, o que equivale a praticamente 100% do território nacional. Costuma-se afirmar que há muito mais televisões do que geladeiras no Brasil².

Segundo dados do **IBOPE** - Instituto Brasileiro de Opinião Pública - em pesquisas realizadas no período de janeiro a junho de 2004, em um universo de 51.855.715 lares em todo o país, numa amostra denominada PNT(Painel Nacional de Televisão), 42% dos domicílios estavam sintonizados no **Jornal Nacional** às 20 horas. Isso equivale a mais de 20 milhões de residências. Portanto, é possível pensar que os dados apresentados pela revista **Veja** na matéria sobre os 35 anos do **Jornal Nacional**(Veja: edição 1869, 1º de setembro de 2004, Fonte **TV Globo**) não exageravam ao afirmar que os 43 pontos no **IBOPE** significam em torno de 31 milhões de espectadores e mais de 60% dos televisores ligados na **TV Globo** no horário do jornal.

A televisão não tem sido um tema privilegiado pelas ciências sociais. Só recentemente têm surgido no Brasil trabalhos que reflitam de forma mais sistemática sobre os meios de comunicação em geral e sobre a televisão em particular. Concordo com Jesus Martin-Barbero(2001:25) quando afirma *"que os intelectuais e as ciências sociais na América Latina continuam majoritariamente padecendo de um 'mal-olhado', que os faz insensíveis aos desafios culturais que a mídia coloca, insensibilidade intensificada diante da televisão."* A seu ver, a televisão é menos um instrumento de ócio e de diversão do que formadora de imaginários coletivos a partir dos quais as pessoas se identificam e se reconhecem. Penso que ela não pode ser entendida somente na perspectiva de domínio ou impacto, mas principalmente a partir do seu papel na vida cotidiana de seu público.

Roger Silverstone(1996:20), ao analisar a dimensão da televisão na vida cotidiana, comenta que ela nos acompanha desde a

² Segundo Censo IBGE, no Brasil em 1970 havia 4.250.404 aparelhos de TV e 4.594.920 geladeiras; em 1980 havia 14.142.924 aparelhos de TV e 12.697.296

hora em que acordamos até quando vamos dormir. A TV hoje é vista como "natural", mas tivemos que nos habituar a ela, que incorporá-la à nossa vida. Fazendo alusão a A. Schutz(1973:229), ele afirma que *"nuestra experiencia de la televisión es como nuestra experiencia del mundo: no esperamos ni imaginamos que pudiera ser significativamente diferente."* E ainda que alguns a definam como um mero eletrodoméstico, Silverstone aponta, em sentido metafórico, que a televisão se tornou um membro da família nas sociedades complexas modernas.

Os Filhos da Televisão

Pensar em juventude significa pensar em pluralidade e movimento. Hermano Vianna na introdução de *Galeras Cariocas*(1997:7-16) já chamava a atenção para a dificuldade de definição do jovem contemporâneo, ao mesmo tempo em que ele é foco de muitas preocupações. A juventude se tornou uma categoria privilegiada na cultura de massa das sociedades capitalistas e aparece como um conceito mais amplo do que simplesmente uma faixa etária. É uma identidade social comunicada e reconhecida através da indústria cultural.

O jovem está inevitavelmente ligado ao futuro, às mudanças, à realização ou não de expectativas. E mais particularmente quando estes jovens estão nas universidades. São estudantes. Ainda não ingressaram completamente no mundo "adulto", no mundo do trabalho, mas já abandonaram a escola secundária, fizeram escolhas de carreiras e muitos deixaram suas famílias e cidades para estudar em um grande centro.

O grupo pesquisado é formado por 16 jovens que estudam no Rio de Janeiro, mas nem todos são cariocas. No grupo há cinco homens e 11 mulheres e eles residem em 13 bairros distintos, seis da

geladeiras e em 1991 havia 27.650.179 aparelhos de TV e 23.910.035 geladeiras.

Zona Sul, seis da Zona Norte e quatro da Zona Oeste. Cinco são alunos do curso de Serviço Social, cinco de Comunicação Social, três de Pedagogia e três de Medicina. Comunicação Social e Medicina foram escolhidas por estarem entre as carreiras mais disputadas e com uma relação candidato-vaga muito alta, implicando uma enorme concorrência para obtenção de uma vaga em uma universidade pública. Além disso, elas possibilitaram pensar que lidaria com uma elite universitária e me interessou indagar qual a sua relação com a informação e através de quais veículos ela era obtida. Serviço Social e Pedagogia, ao contrário, são cursos de menos prestígio e reúnem muitas vezes alunos oriundos de pré-vestibulares para negros e carentes e jovens que não conseguiram entrar nos cursos que desejavam.

Este universo que pesquisei - estudantes universitários cariocas - tem idade em torno dos 20 anos. Entre os 16 entrevistados, apenas dois tem mais de 25 anos. Portanto todos nasceram depois da televisão. A entrada da televisão na vida social é algo do qual não vão se lembrar uma vez que a televisão começou a funcionar no Brasil na década de 1960, quando a maioria ainda não tinha nascido. Este dado me parece importante porque ajuda a entender a relação de extrema familiaridade destes indivíduos com o veículo. Este pode ser um interessante ponto de partida para pensar a "naturalização" do próprio meio.

Para esses jovens, parece estranho pensar em uma vida sem televisão. Ela é parte da rotina, da casa, da vida. Ela é sem dúvida alguma mediadora da realidade. A realidade também é entendida, compreendida e absorvida através da sua mensagem. Não creio que a televisão seja uma manipuladora da realidade, como afirmam alguns jovens. Ela é uma fonte de informação e, para muitos, de conhecimento. Mas uma, não a única, nem para todos a mais importante. Mas sem dúvida é uma referência.

Acredito que essa percepção da televisão como parte da vida social ajuda a entender o fato de a maioria destes jovens destacar que via muita televisão, que adorava televisão quando menores ou crianças. Ficavam horas diante da telinha. O que não acontece mais hoje em dia. Para muitos por falta de tempo, para outros por decisão pessoal e para alguns por um certo "desencantamento com o mundo televisivo", especialmente o jornalístico. Vários jovens acreditam que a televisão continua sendo fonte de prazer, diversão e relaxamento. Dentro desta perspectiva está enquadrado também o **Jornal Nacional**. Não é apenas a novela que é classificada como entretenimento ou forma de relaxamento da rotina estressante do dia-a-dia. Mas como um jornal que muitos afirmam só mostrar notícia ruim, com muitas matérias sobre guerra e violência, pode ser um produto relaxante? Acho que há algo presente no veículo, na empresa **Rede Globo** e no próprio **Jornal Nacional** que aponta para a permanência, para a manutenção de um certo "*status quo*" que tranqüiliza quem o assiste. Ele estabelece e reafirma uma barreira. O que está na telinha é o mundo. Em chamadas. Não é o "meu" mundo. Quando desligo o canal, me desligo de tudo aquilo que ele mostrou e respiro aliviado porque aquele é "outro" mundo. Uma idéia parecida com a apresentada pela antropóloga Rosane Prado(1987) ao falar da relação das mulheres da cidade de Cunha com as personagens femininas das novelas. "Mulheres de novela" não são "mulheres de verdade"

Por outro lado, para Silverstone(1996:38) os noticiários constituem um ciclo muito bem equilibrado na produção de angústia e calma. Ele ressalta que não é apenas o conteúdo dos jornais que tranqüiliza, mas o seu formato. A maneira como são ordenadas as notícias, os sorrisos dos apresentadores e a última matéria, de "interesse humano", presente em todos os telejornais do mundo, buscam dar segurança ao telespectador. Isto porque a televisão

como um todo funciona como ordenadora da vida social, das rotinas familiares.

Os jornais fazem uma construção da realidade. Suas editorias e suas reportagens, a partir de um critério de seleção, trazem o "mundo" para suas páginas, rádios ou telas. Mundo que passa a ser classificado através da lógica jornalística. Barbero (2001:103) acredita que a *"missão do jornalismo seria a de organizar o real, impor uma ordem ao caos(...)"* Por isso faz tanto sentido que muito se critique nos telejornais - e neste caso no **Jornal Nacional** - a presença de matérias dramáticas, violentas e trágicas. Esta seleção, no entanto, é feita pelos jornalistas a partir de regras da redação baseadas em uma idéia de consenso público, expressão aqui entendida não só como princípio organizador da notícia, mas também como elemento que expressa a aceitação de uma mesma cultura e de uma mesma visão dos fatos. Assim, mesmo as notícias negativas ou desagradáveis são assimiladas por muitos telespectadores dentro de um critério classificatório do país e do mundo. E até eventos dramáticos podem ser melhor absorvidos se assimilados dentro de uma lógica própria. Mas nem todos pensam desta forma. Não é à toa que a entrevistada I.Z. comentava que detestava o **JN** quando era pequena porque ele lhe dava medo e a fazia ter pesadelos.

Um outro aspecto presente em alguns trabalhos sobre televisão e que as entrevistas confirmam é a noção do veículo como uma espécie de "relógio social" que organiza as rotinas, destaca os rituais e enfatiza os papéis da vida familiar. São inúmeros os depoimentos que expressam uma organização da vida cotidiana através dos programas. Se a pessoa chega tarde, *"na hora do Jornal Nacional"*, se tem tempo livre à noite, *"vejo a novela das oito"*, *"meu pai ia para o trabalho depois do Jornal Nacional"*. É como se os programas já significassem a hora; como se ela estivesse implícita e fosse desnecessário dizê-la. No caso do **Jornal Nacional** é interessante

destacar que para a maioria dos entrevistados é a hora da chegada em casa.

Alguns elementos me ajudaram a pensar sobre este universo e suas características. As suas distinções se dão inicialmente em função de um pertencimento à juventude. A recepção mais fluída, menos fixa, muitas vezes sem o indivíduo ficar sentado em frente ao aparelho de televisão, é uma marca da maneira de ver TV dos 16 jovens estudados. Com algumas exceções - particularmente dos dois estudantes mais velhos, que se dedicam com mais atenção a ver o **JN** de forma mais intensa, sem interrupções, ou pelo menos interrupções voluntárias -, quase todos os outros vêem o telejornal realizando outras atividades e, muitas vezes, apenas ouvindo o jornal e só se aproximando da televisão quando a matéria os interessa. Foram inúmeros os casos de entrevistados que diziam "ser estranho ver assim", - deixando de lado o impacto ou a invasão que a minha presença significava - já que "ver assim" significava ver televisão parado. Alguns chegaram a descobrir novidades em relação ao próprio jornal. Uns elogiaram algumas matérias, afirmando que aquela reportagem era interessante e que em circunstâncias "normais" não a veriam, enquanto outros, ao se verem sentados diante da televisão, se permitiram analisar criticamente cada elemento do jornal, do visual ao texto, das falas e às imagens, chamando a atenção para o sentido da própria organização do jornal, o que na maioria das vezes passara despercebido para eles.

Alguns dados ficaram muito evidentes nas entrevistas. Televisão é um assunto que estes jovens dominam de alguma forma. Eles têm posição definida sobre ela, conhecem os programas e os canais e têm um repertório grande de programas prediletos dentro dos mais variados gêneros: do jornalístico ao ficcional, passando por filmes, desenhos animados ou programas esportivos. Este tema lhes diz respeito; ninguém estranhou minha pesquisa e nenhum estudante declarou que não via televisão ou não tinha programas prediletos.

Isto me remeteu à tese de doutorado de Nara Magalhães(2004:84) onde a antropóloga comenta a sua surpresa com o desenrolar da sua pesquisa. Ela realizou uma etnografia com pessoas de camadas médias da cidade de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul. No primeiro contato, a grande maioria de seus entrevistados afirmou que não via quase televisão, desprezando o veículo e seu conteúdo, numa clara perspectiva adorniana dos meios de comunicação de massa. À medida em que avançava em sua etnografia, ia percebendo que, ao contrário do que afirmaram inicialmente, seus entrevistados viam televisão e, mais do que isso, conheciam muito bem o assunto. Tinham opinião sobre programas, horários e conteúdos. A antropóloga passou então a tratá-los como "especialistas" em televisão. E foi percebendo suas visões do veículo.

Em primeiro lugar, o valor simbólico agregado a ele explicitado pelo lugar em que estava colocado na casa. Em seguida, as formas de ver televisão e os programas mais valorizados em seus discursos. O **Jornal Nacional** apareceu com destaque. Os jornais são qualificados positivamente, desde que se saiba "assistir conscientemente", pois é necessário se manter informado. E a grande maioria escolheu o **JN** para a ser assistido junto com a pesquisadora. Para a antropóloga, o telejornal reunia aspectos contraditórios na visão de mundo de seus entrevistados: era importante porque informava mas era preciso estar atento para a manipulação feita pela televisão. E aquele grupo, pertencente ao universo de camadas médias, se achava preparado para fazer uma leitura crítica da televisão sem ser manipulado por ela. Ao contrário do restante da população de baixa renda e semi alfabetizada, que segundo o grupo, era considerada sem condições para tal.

Me deparei com este mesmo tipo de discurso em várias entrevistas com os estudantes universitários. Muitos afirmavam com ênfase que a entrada na universidade tinha transformado não apenas a sua maneira de ver o mundo, mas também a sua maneira de ver

televisão e de ver o próprio **Jornal Nacional**. Sentiam-se menos inocentes, menos ingênuos e muito mais críticos em relação às matérias veiculadas. O depoimento de N. e D., alunas do curso de Serviço Social, ilustra bem essa idéia.

*"Me dá a impressão de que antes de eu fazer Serviço Social, não sabia da verdade. Não sei se cada curso que você faz sabe de uma verdade. E parece que antes eu não sabia de nada e agora eu sei. E o que é pior, fiquei triste(...) E em relação ao **Jornal Nacional**, depois que você começa a estudar, você vê que eles escondem as coisas. E se você não estuda, não vai saber. Se você vê o **JN** a vida inteira, vai achar que o mundo é belo."*

Esse depoimento é muito rico, a meu ver, por diferentes aspectos. De um lado, aponta para esta nova visão do noticiário depois da entrada na universidade e dá a essa entrada um "status", um valor simbólico muito grande. Há uma visão de que a imprensa esconde a realidade e é preciso estudar, ser universitário para desvendá-la

Gostaria de abordar aqui o significado da entrada dos jovens na universidade. Este é um dos eixos centrais desta pesquisa e foi sendo construído a partir dos discursos dos meus entrevistados. Para grande parte deste grupo, a vida se divide em antes e depois da entrada na universidade. A entrada na universidade, mais do que um rito de passagem, uma mudança de situação social, implica para muitos em uma transformação na sua visão de mundo e no seu estilo de vida. Isso ocorre de forma mais intensa entre os alunos de Serviço Social e Pedagogia, em menor intensidade com os estudantes de Comunicação Social, sendo ainda menos presente entre os futuros médicos.

Isso porque uma parte dos alunos de Serviço Social e Pedagogia entrevistados estudaram em pré-vestibulares para negros e carentes da própria universidade ou de comunidades pobres e a

maioria destes jovens faz parte de famílias de baixa renda, com pouca escolaridade, com pais que muitas vezes não completaram o curso primário. Estes jovens são, portanto, os primeiros indivíduos de suas respectivas famílias, - num sentido mais amplo, incluindo aí tios, avós e primos -, a entrar na universidade. E este fato tem um grande significado social para eles. Para muitas famílias a universidade é um mundo distante, destinado às camadas mais privilegiadas, ao qual eles não têm acesso e, em muitos casos, nem "deveriam" querer ter. É o caso de D., aluna de Pedagogia, filha de pai porteiro e trocador e mãe lavadeira, que afirma que embora sua mãe sempre "pegasse no seu pé" em relação ao estudo, cobrando bastante, achava que a "universidade não era para filho de pobre". Mas mesmo assim, segundo a estudante, a ajudou em diversos momentos.

A sua entrada na faculdade também não foi sem dificuldades. Era um ambiente novo, um mundo muito diferente. E o perfil dos alunos da universidade na qual estuda - particular e da zona sul do Rio de Janeiro - contrastava demais com a sua realidade social. A diferença financeira é grande e aponta para preocupações distintas. Segundo seu depoimento, as colegas tinham uma grande preocupação com estética e, para o seu padrão, tinham gastos elevados com estes produtos. Da sua parte, ela tinha uma filha pequena e vivia com um orçamento apertado, vendendo cosméticos para aumentar a renda e constantemente preocupada em que não faltasse leite para sua filha. Ao lado disso, há a dificuldade financeira que também atrapalhava na aquisição de livros e fotocópias. E ela também tinha pouca familiaridade com aquele tipo de leitura. Seu depoimento destaca o papel de vários professores que, não só davam as cópias dos textos para os alunos oriundos dos pré-vestibulares para carentes como procuravam ajudá-los na leitura. .

Outra estudante afirma que gosta muito de ler contos e os livros da universidade, além de jornal. Procura comprar livros para os

netos e conta que foi na última Bienal do Livro, onde comprou alguns para eles, embora não tenha comprado nenhum para si própria. É importante destacar que L. tem mais de 50 anos, filhos com mais de 20 e alguns netos, diferentemente do restante dos entrevistados que está na faixa dos 20 anos. Ela acha que a leitura é importante e que é uma das formas de entrar no mundo universitário, uma entrada muito sofrida para quem tem o seu perfil, de estudante de área carente. Quando perguntada sobre como está agora na faculdade, como se sente no sexto período, L. comenta:

" Ah! Agora tá muito bom. Se bem que de vez em quando a gente se pega numa crise assim: ' ah, o que que eu tô fazendo aqui? Esse mundo não é meu'. Essa universidade é uma paulada porque a gente chega lá, você de área carente, vem através de um curso, você é bolsista, então tem uma série de coisas assim que não estão explícitas, tão implícitas. Você tem que ir furando certos bloqueios, você tem que ir dizendo quem você é prá se aceitar, né"

A pesquisadora e professora da PUC-RJ Tânia Dauster(2003), em seu artigo *"Uma revolução silenciosa: notas sobre o ingresso de setores de baixa renda na universidade"* ressalta a importância desta ação. A sua preocupação é mapear e discutir as relações destes estudantes universitários com a cultura letrada. Porque para eles o dia-a-dia na universidade é repleto de tensões e contrastes. Há grandes diferenças sociais e culturais entre os estudantes da universidade como um todo. Dauster afirma que no Departamento de Educação os estudantes bolsistas representam 40% do alunado e isso tem gerado conflitos e discriminação como meus próprios entrevistados chamaram a atenção. Além disso, alguns alunos não bolsistas têm uma visão equivocada do significado da bolsa e de sua relação com o alto custo desta universidade.

Por fim, o que me parece bastante comum ao universo pesquisado é a forma de recepção da televisão de maneira geral e

não apenas o noticiário. A recepção é mais fluída, menos fixa, sem o indivíduo ficar sentado em frente à TV vendo e ouvindo. É como se fosse possível falar de uma marca de ver TV. Os estudantes realizam tarefas ao mesmo tempo, jantam e ouvem o **JN**. E fico lembrando das afirmações dos manuais de telejornalismo que garantem que uma imagem vale mais que mil palavras... Quando o que pude perceber é que nem sempre a imagem vem na frente. Há uma recepção da TV idêntica a do rádio. Os telespectadores ouvem a televisão e em momentos especiais vão vê-la. Nenhum dos meus entrevistados afirmou fazer o contrário, ver sem o som. Até porque a escuta é possível de ser conciliada com outras tarefas.

Vários estudantes estranharam a situação de ver televisão "parado" e comentaram sobre isso. Diziam que era muito raro ver daquela forma. Sentado, atento e não se movimentando. Claro que aqui entra em cena nesta estranheza também a minha presença. A presença de uma pesquisadora que vê televisão junto e que vê você ver televisão na sua casa, na sua intimidade, o que pode ser para alguns constrangedor ou intimidador. Muitos pediam desculpas pela bagunça da casa ou do quarto, outros pediam silêncio aos outros membros da casa, principalmente às crianças e alguns chegaram a preparar salgadinhos, refrigerante e uma estudante chegou mesmo a preparar um bolo para mim na segunda visita a sua casa.

Considerações Finais

Estudar a relação dos jovens com a televisão implicou para mim em ver como eles vêem a telinha, como se posicionam diante dela, até em termos físicos. A maneira como a encaram e a assistem e o fato de serem uma audiência fluída e dispersa em muitos momentos, diz muito desta relação. E diz muito sobre a juventude. Juventude que está sempre em movimento, em busca do novo, tentando, como

característica desta fase tão intensa, "fazer tudo ao mesmo tempo agora" como um entrevistado me falava.

Eu me perguntava no início deste trabalho se os jovens viam o **Jornal Nacional** e o que eu faria se durante a pesquisa descobrisse que eles não o assistem. Mas aos poucos, não só fui confirmando o quanto o **JN** é uma referência também para eles, como ele é fonte de sentimentos os mais variados, que vão do amor ao ódio. Jamais de indiferença. Mais do que especialistas em televisão, como os entrevistados de Magalhães(2004), os meus entrevistados têm uma relação particular com o programa. Alguns comentaram a raiva que sentiam, o quanto gostavam dos apresentadores e elogiavam as matérias ditas positivas. E para "ver melhor" televisão a entrada na universidade é um ponto fundamental. Se não encontrei nenhuma casa com apenas um aparelho de televisão, muitos são os jovens cujas famílias não tinham até então um.

Ficou bastante claro que, ainda que o **Jornal Nacional** seja uma referência para os entrevistados, sua importância foi muito relativizada em seus discursos. Seja pelos que se mostraram críticos em relação ao seu formato e ao seu conteúdo, seja pelos que valorizaram seu conteúdo. Para todos o **JN** é uma fonte de informação, mas não a única, nem a mais importante. Ela está sendo cotejada com várias outras, com suas vivências, com informações vindas de outros veículos, da própria universidade e de suas redes de relações pessoais e de parentesco.

A pesquisadora de recepção, Nilda Jacks(1999) ao notar a presença hegemônica da televisão decidiu estudar a percepção da identidade cultural gaúcha. Em *Querência*, Jacks avalia o quanto a cultura gaúcha sobrevive apesar desta hegemonia e como esta mesma cultura se beneficia do próprio veículo. A seu ver, a identidade cultural gaúcha dá contornos específicos para a audiência televisiva do segmento estudado: famílias de três estratos sócioeconômicos diferentes da cidade de Santa Maria, no Rio Grande

do Sul. Ficou claro para a pesquisadora que os membros dos três estratos, de diferentes faixas etárias e sexos têm um sentimento de pertencimento à cultura e à terra gaúcha que interfere na sua recepção da televisão.

Através da minha pesquisa com jovens universitários pude perceber a mesma transformação, explicitada por Jacks. Ela afirmava que seu trabalho se pretendeu um estudo de recepção de telenovela e transformou-se em um estudo da identidade gaúcha através de uma pesquisa de recepção. Creio que o mesmo ocorreu com meu trabalho. Inicialmente o meu foco era a recepção, mas este foi se deslocando para outro ponto, no caso os jovens, ainda que para compreender o processo de comunicação.

Entender o que significa ser universitário para estes jovens foi se tornando elemento importante na pesquisa. Sabendo que juventude é uma categoria social e como tal variável, ficou muito evidente o quanto para este grupo específico, a situação de universitário esta associada à idéia de transitoriedade. Transitoriedade entendida como uma etapa de transição, que implica na passagem de uma condição social mais dependente, na fase de preparação para o ingresso na vida adulta. E a vivência profissional, mais especificamente o trabalho, expressará o mundo adulto. Claro que mesmo dentro deste grupo há nuances, principalmente em termos de faixa etária. Mesmo para os mais velhos, a entrada na faculdade significa a possibilidade de realização de um sonho, a concretização de um projeto de vida. Um projeto que pode durante muito tempo, ter ficado fora de seus campos de possibilidades (Velho: 1987).

Mas os meios de comunicação de massa, e este telejornal em particular, não são produtos exclusivos da sociedade brasileira. Eles são uma valiosa porta de entrada para compreendermos os fenômenos sociais produzidos por seus "nativos", assim como podem ajudar a desvendar seus "códigos" e "mapas". Debra Spitulnik(1993),

chama a atenção para o fato de ainda não ser possível falarmos em uma "antropologia dos meios de comunicação de massa". E para Spitulnik, há inúmeras maneiras de se abordar antropologicamente os meios de comunicação: como instituições, como lugares de trabalho, como práticas comunicativas, como produtos culturais, como atividades sociais, como formas estéticas e como desenvolvimentos históricos.

A antropóloga Sara Dickey(1997) segue na mesma direção ao falar da potência das representações dos meios de comunicação de massa que participam da construção de imaginários, identidades e relações de poder em nossa época. A seu ver, as pesquisas antropológicas mais recentes sobre este campo têm destacado que os públicos são intérpretes ativos dos produtos que lêem, escutam e vêem. E uma de suas conclusões é que os meios de comunicação de massa contribuem para formar subjetividades e que o campo destes meios se converte em objeto de impugnação e reúne participantes diversos com objetivos distintos e muitas vezes contraditórios

No Brasil a televisão é uma espécie de ser "onipresente". Ela está em todos os lugares, em todas as casas. Ela certamente nos une muito mais do que nos diferencia, mas ainda falamos muito pouco sobre ela. Há uma tensão presente entre um conteúdo que é produzido para muitos e a recepção que se dá individualmente. E é neste contexto que a antropologia pode dar a sua contribuição, utilizando a sua bagagem teórica e a sua metodologia específica para pensar estes "nativos". Porque certamente através desses estudos de recepção estaremos aprendendo mais, não só sobre os produtos - no caso o **Jornal Nacional** - , como sobre as suas relações com a sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

- BUCCI, E. *O Brasil em tempo de TV*. SP: Boitempo, 2000.
- DAUSTER, T. "*Uma revolução silenciosa: notas sobre o ingresso de setores de baixa renda na universidade*". Texto apresentado no GT Educação e Sociedade. ANPOCS, Caxambu, outubro de 2003. (CD-Rom)
- DICKEY, S. "*La antropologia y sus contribuciones al estudio de los medios de comunicacion*". In: *Revista Internacional de Ciências Sociais, UNESCO*, 153:1-23, 1997. In: www.unesco.org/issj/rics153/dickeysa.html
- JACKS, N. *Querência - cultura regional como mediação simbólica*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 1999.
- MAGALHÃES, N. M. E. *Televisão, uma vilã na sociedade contemporânea*. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2004 (tese de doutorado)
- MARTIN-BARBERO, J. & REY, G. *Os exercícios de ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. SP: Senac, 2001.
- Mídia e Dados* SP: Grupo de Mídia de São Paulo, 1998.
- PRADO, R. *Mulher de novela, mulher de verdade*. RJ: PPGAS/MN/UFRJ, 1987(dissertação de mestrado)
- SCHUTZ, A. *Collected Papers*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1973
- SILVERSTONE, R. *Televisión y vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- SPITULNIK, D. *Anthropology and mass media* In: *Annual Review of Anthropology*, p.293-314, nº 22,1993.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura*. RJ: Zahar, 1987.
- VIANNA, H. (org.) *Galeras cariocas*. RJ: EdUFRJ, 1997.